



MEDEIROS, Maria Beatriz. AQUINO, Fernando. **Kombi, Kombeiro, Kombunda e Bundalelê na Kombi. Performance e Memória.** Brasília: Universidade de Brasília. MEDEIROS, M.B. UnB: professora associado 2. AQUINO, F. UnB: Mestrando; Rogério Câmara.

RESUMO

Arte não cabe em caixinhas, não cabe em galerias, não cabe em prêmios nem em editais, mas pode ficar na memória. Arte é reflexão, inflexão, proposição e até despacho. Ela escoia, não se fixa nas paredes. Não tem moldura nem prego que a segure. A moldura é dura, mas também é doce e obedece, chiclete. O prego fere e deixa marcas na parede, mas não nos corpos e suas mentes. Os espaços institucionalizados da arte são molduras, prendem e a separam dos ventos. O que está separado fica parado no prato. Os olhos comem, mas não ousam cheirar ou se debruçar. Os olhos só veem. E muitos creem que ver, basta. Muitos compram. Outros passam batom usando o celular como espelho; se penteiam nos elevadores acreditando fazer diferença esse ou aquele fio de cabelo para o lado de lá. Tudo isto é "relogiável". O presente texto trata da composição urbana *Kombeiro*, e da performance *Kombunda*, ambos realizados pelo Grupo Corpos Informáticos, em Brasília, em 2011. O trabalho continua em desenvolvimento: Natal (RN), Lago Oeste (DF), Anápolis (GO) etc.

PALAVRAS-CHAVE: Kombi; Kombeiro; performance; memória.

RESUMÉ

L'art ne rentre pas dans des boîtes, ni dans les galeries, il n'est pas en bourses ou en appel d'offres, mais peut rester dans la mémoire. L'art est réflexion, inflexion, et même proposition, "despacho". Il coule, ne se fixe pas aux murs. N'a pas de cadre ou de clous qui le maintiennent. Le cadre est dure, mais il est aussi douce et obéit, gomme à mâcher. Le clou blesse et laisse des traces sur le mur, mais est incapable de blesser le corps et l'esprit. Les espaces institutionnalisés de l'art sont comme les cadres, l'arrêtent et le séparent des vents. Ce qui reste séparé reste sur l'assiette. Les yeux ne font que voir. Il y en a beaucoup qui croient que voir suffit. D'autres achètent. D'autres utilisent le téléphone portable comme miroir pour passer du rouge à lèvres, ou se peignent dans les ascenseurs croyant qu'un brin cheveux d'un côté ou de l'autre fait toute la différence. Tout cela est "relogiable". La présente étude pense la composition urbaine "Kombeiro", et la performance "Kombunda", réalisées par le Groupe Corpos Informáticos, à Brasília, en 2011. La recherche se poursuit: Natal (RN), Lago Oeste (DF), Anápolis (GO), etc.

Mots-clés: Kombi, Kombeiro, performance, mémoire

Arte não cabe em caixinhas, não cabe em galerias, não cabe em prêmios nem em editais. Arte é reflexão, inflexão, proposição e até despacho. Ela escoar, não se fixa nas paredes. Não tem moldura nem prego que a segure. A moldura é dura, mas também é doce e obedece, chiclete. O prego fere e deixa marcas na parede, mas não nos corpos e suas mentes.

Os espaços institucionalizados de e para a arte são como molduras, prendem e a separam dos ventos que rondam. O que está separado fica parado no prato servido. Os olhos comem, mas não ousam cheirar ou se debruçar. Os olhos só veem. E, como ver se tornou tudo em nossa sociedade, inclusive se bastando a si mesmo, muitos creem que ver, basta. Muitos compram revistas de mulheres nuas e se satisfazem crendo possuí-las. Também compram carros porque vêm com músicas e mulheres invisíveis. Outros, passam batom usando o celular como espelho; se penteiam nos elevadores acreditando fazer diferença esse ou aquele fio de cabelo para o lado de lá. Tudo isto é religiável.

Cidades, carros, batimentos cardíacos, edifícios, poucas proles. As cidades confusão, charivari, tentativa de controle perdido nos bolsos dos *nóia*.¹ A poeira penetra olhos e veias, chega aos poros, a fuligem penetra a pele e se revela na menstruação.

Mas Dione Cassio, que conhecia muito bem o direito romano, não diz, como se costuma repetir, que o termo é impossível de traduzir; ao contrário, diz que o termo não pode ser traduzido *kathapax*: "de uma for-ma única e definitiva. (AGAMBEN, 2004, p. 115.)

Kathapax! A performance é desta (des)ordem não pode ser traduzida em palavras: *kathapax*. Isto é, ela é absolutamente não evidente, como os grãos de areia que escapam por entre os dedos. Há necessidade de novos termos para o dito ressecado das palavras.

Nos becos há espaços religiáveis e espaços para os *nóia* e os pronóia.² Em algum beco, em espaço religiável, lustroso e iluminado, acontecem ações maravilhadas. Aqui não há mais merda³ na porta, pois os cavalos se foram - os fantásticos e aqueles que defecam sem cromaqui - restam luxuosos carros, gasolina e óleo nas ruas onde antes jaziam fezes. Isto foi antes do *Protocolo dos Sábios de Sião*.⁴ Para esta mudança foi necessário Cabral, Santa Maria, Pinta e Nina, Brasil e um maluco chamado, Aleixo Gari.⁵

¹ Referência à forma de se chamar os fumadores de craque, em São Paulo.

² "Pronóia" é o termo utilizado pelo Corpos Informáticos para pensar o trabalho em grupo. Pronóia é o contrário da paranoia.

³ Referência ao hábito de se desejar "merda" aos membros de um grupo de teatro antes da sessão começar. Desejava se "merda", pois esta indicava a presença de grande público que chegava em carruagens cujos cavalos sujavam a entrada do teatro com muita merda.

⁴ Referência a *Os Protocolos dos Sábios de Sião* ou *Os Protocolos de Sião*, texto de origem duvidosa. Em princípio, surgido, em idioma russo, forjado em 1897. Este descreve o suposto projeto de conspiração para que os judeus atinjam a supremacia mundial. Nossa referência vem, de fato, do romance de Umberto Eco, *Cemitério de Praga*, São Paulo: Record, 2011.

⁵ Referência a Aleixo Gari, carioca, que no período do império, pela primeira vez na história do Brasil, contratou uma turma para limpar as fezes dos cavalos. Estes ficaram conhecidos como

Denominemos o curador, “garimpeiro”, afirmou Márcio Shimabukuro (Shima) em Belo Horizonte, 2011, naturalmente. “O curador é o gari”, disse o Corpos Informáticos.

Gari é carioca e, na oca do bando, pensou em varrer. Corpos Informáticos utiliza enceradeiras vermelhas para (des)encerar em bando, alcateia, matilha ou simplesmente fazendo bundalelê e chamando isto de “performance”.



Encerando a chuva. Corpos Informáticos. MAM-Rio de Janeiro, 2012. Foto: Cedric Aveline

Corpos Informáticos, desde 2008, vem pensando o conceito de “mar(ia-sem-ver)gonha”. As mulheres, varredoras de rua, eram denominadas “margaridas”. Mar(gari)das, exatamente como o Corpos Informáticos transforma maria-sem-vergonha em mar(ia-sem-ver)gonha. E os gari e margaridas “vão sem ver”. Os garimpeiros procuram ouro. Os curadores são os gari. Estes, pelo tato ou por instinto, descobrem sabugos, pedras fuleiras, sem valor, e outras quinquilharias.

“Mar(ia-sem-ver)gonha” é o termo, fuleiro, que o Corpos Informáticos criou para dizer, de forma renovada, a palavra “performance”. “Mar(ia-sem-ver)gonha” deriva e avança sobre o conceito de “rizoma” de Deleuze e Guattari. As Maria-sem-vergonhas são árvore e rizoma, simultaneamente, em sendo brasileiras, isto é, provenientes de Zanzibar.

E, então, neste beco está também o gari e a mar(gari)da: “aquele que tem por tarefa ajudar um menor emancipado [artista jovem] em algumas tarefas,

“os homens do Gari” e, posteriormente, passaram a ser chamados, simplesmente, de “gari”. As mulheres, varredoras de rua, foram posteriormente denominadas “margaridas”.

ministrar os bens ou cuidar dos interesses de uma outra pessoa”.⁶

Os garis comandam, tentam comandar, tentam ordenar, porém também estão cientes do charivari das ruas. *Mis em scène*, desfile de moda, pura mentira e paranóia. Os *nóia* permanecem lá fora, à espreita. As ruas não são relogiáveis. A qualquer momento os *nóia* tomarão os becos e, naturalmente, a linguagem. Tudo se tornará estado de exceção, de ex-sessão ou de ex-cessão. Estes becos interessam. É no charivari que a fuleragem (sic) é possível. Ela se instala nas ruas, compõe: Mar(ia-sem-ver)gonha em composição urbana (CU).⁷

A fabricação de um carro leva 730 dias, sem fuleragem: do rascunho ao ferro fundido, pintado e montado. O veículo é projetado levando em conta as metas e perspectivas que a empresa almeja. Trata-se de uma matemática sobre lucros efetivos, orçamento camuflado de sonhos.

As estratégias de desenvolvimento do veículo incluem profissionais de design, manufatura e produção. Neste ponto, o projeto têm 70% de viabilidade para embarcar na linha de montagem. Como mágica, em sentido amplo, a 'coisa' sai da teoria virtual para mundo concreto de uma hora para a outra. É um processo de com(de)posição.

Os carros produzidos são vendidos. Seus donos se beneficiam de suas utilidades para transportar pessoas e cargas. Suas vidas úteis dependem da qualidade da manutenção. Quando quebram de vez, vendem-se barato as carcaças. Ela, a carcaça, é a base estética, obra de designer, que virou suporte para a pintura, para a ruptura. O desenho aconchegante da Kombi e suas possibilidades de atuação são a base da cenografia atual da fuleragem (sic) do Corpos Informáticos: Kombeiro, kombunda, bundalelê na Kombi.

⁶ Definição “curador” no Dicionário Le Robert. Paris: Le Robert, 1994. p. 437.

⁷ Referência ao filme: *CU O Filme*, realizado pelo Corpos Informáticos em 2009. <https://vimeo.com/7925975>



Kombeiro. Corpos Informáticos. L4 Norte, Brasília, 2012

A Kombi parada ali na grama é uma casinha, um ninho. As crianças interagem bem com a proposta. O lúdico que diverte. O elogio da fuleragem. Com(de)posição do lugar comum e do baixo astral. Composição por muitas mãos. Exposição por muitos pés. Provocação por muitas bundas.

Lógica do absurdo: o Brasil fabricou, no primeiro trimestre de 2011, 902.148 veículos. O corpo é um suporte dos processos concebidos nas mentes dos engenheiros. O objetivo da indústria já é fazer o sinteco nos dentes, controlar as pernas, assentos óticos e a graxa no milharal. As carcaças abandonadas clamam por enceradeiras vermelhas se decompondo nos ferrovelhos.

A composição é composição e decomposição. Esta, então, está sendo denominada, pelo Corpos Informáticos, a partir de agora e *juris perpetuum* com(de)posição: composição, com posição, com deposição daqueles que se auto-ad-vogam possuidores do poder. Podres?

O verdadeiramente podre se encontra na prónóia, onde o autor se desautorizou. No podre acontecem as gerações espontâneas, a contaminação: grupo. Geração espontânea, ou abiogênese, segundo Aristóteles, supõe a existência de um "princípio ativo" dentro de certas porções de matéria inanimada. Assim, os seres vivos seriam gerados espontaneamente do corpo de cadáveres em decomposição. Exemplo: rãs, cobras e crocodilos são gerados a partir do lodo dos rios.

No podre, a natureza pode espontaneamente se organizar para dar existência a uma forma de vida que lhe parece oportuna. O grupo fuleiro se organiza

espontaneamente com ou sem financiamento estadual, distrital e federal. E o Corpos Informáticos afirma:

A fuleragem não é obra de arte nem acontecimento, ela é ocasião (oca grande), acaso e improviso. Ela é mixuruca e não efêmera. Ela renuncia à obra, ao espaço in-situ e mente. Escreve livros, organiza eventos, expõe em galerias e até ganha editais. A fuleragem se dá por parasitagem na paisagem física ou virtual, com participação iterativa do espectador que dança, canta, pula corda ou se excita na frente da enceradeira vermelha. Ela critica a escrita, a linguagem e mente te convidando à leitura deste livro. (AQUINO, MEDEIROS, 2011, p. 201)

A com(de)posição é com posição política. O espaço e o tempo são meio repetitivos. Os conceitos da natureza são sem memória, pois, apenas, são. A semente não é somente uma representação. Também não é meta-significado ou metáfora.

A proposição é ordem e progresso: programa, projeção. Queremos apenas o grama e que seu significado escorra pelos bueiros. Não existe crescimento sustentável. Só existe regressão sustentável. Será possível que ninguém vê?

A terminologia mente em seu futuro *easy rider*. A crença num mundo sem destino faz do fruto automobilístico uma porta para o colorido dos domingos.

Santa Maria, Pinta e Nina chegaram ao Brasil em 1500. As *Kombinationsfahrzeug* (veículos multi-uso, composição - carro e casa-popularmente chamadas Kombi) invadiram o Brasil a partir de 1957 e hoje estão plantadas na L4 Norte, em Brasília. O capitão, com atitude de plagiador, plantou seu cruzeiro de luxo, Costa Concordia, em Giglio, no sul da Toscana, Itália, em 13 de janeiro de 2012, sexta-feira: sexta-feira 13. O capitão plagiou o Corpos Informáticos.



<http://tempocontado.blogspot.com.br/2012/01/naufragio.html>

Charivari, segundo Meuli (apud Agamben), é “uma das múltiplas designações [...] ato de justiça popular [...] com seus castigos rituais, sobrevivem também nas festas cíclicas de máscaras e em seus últimos prolongamentos que são as coletas tradicionais das crianças [Halloween].” (AGAMBEN, 2004: 110)

Meuli nunca foi ao carnaval de Recife, Giorgio Agamben está convidado a conhecer o carnaval de rua do Rio de Janeiro ou tomar banho de lama em Paraty, Guarapari, Guapimirim, Itaimbibi, Quixadá, Quixeramobim, Itaipava ou Araxá. Ambos estão convidados a fazer bundalelê na Kombi com o Corpos Informáticos.



Kombunda. Corpos Informáticos, 2011.

Mar(ia-sem-ver)gonha é um termo *kathapax* e assim deve permanecer. Também a fuleragem (sic) é *kathapax*. O vagabundo, se apreendido pela linguagem, nunca mais será vagabundo. Onde está a Kombi no vagabundo do mundo? Onde está a bunda, na Kombi? Kombi sem bunda, ainda pode assim ser chamada? *Kombeiro, kombunda*, com bunda a Kombi se esculhamba no podre dos ferrovelhos de onde saíram para brilhar como arte contemporânea. Nos ferrovelhos, o podre. As Kombis agora estão nos becos? Elas estão na chuva, na seca, e dentro delas pululam plantas.

A Kombi, recortada para ser transportada, como carro dos Flinstons, pelo Corpos Informáticos, é uma anatomopolítica (DELEUZE) onde "o riso é o próprio homem" (*ad tempura* ARISTÓTELES). Fuleira, chula, vagabunda, ou simplesmente bunda vai a Kombi pelas "ruas" de Brasília.



Komboio. Corpos Informáticos. CCB, Brasília, 2011.

Este texto foi produzido sob intensas tempestades solares de radiação que atingem a terra em janeiro de 2012. Chuvas torrenciais em Minas Gerais, prédios desabando no Rio de Janeiro, Fukushima não parou. Enquanto isso, em Brasília, um terço do Corpos Informáticos tece este texto simultaneamente compartilhando-o virtualmente em editor de texto virtual: corpos submissos e a Kombi esperando o próximo filme.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

AQUINO, Fernando e MEDEIROS, Maria Beatriz. *Corpos informáticos. Performance, corpo, política*. Brasília: PPG-Arte/UnB, 2011.

Umberto Eco, *Cemitério de Praga*, São Paulo: Record, 2011.